

A crise nas empresas portuguesas 00:05

Pequenas e médias empresas criam 93 mil empregos por ano

Os grandes grupos são cerca de 0,5% do total de empresas portuguesas. Mas facturam 43% do que se vende no país

António Freitas de Sousa

Os grupos económicos agregados no PSI 20, os que se encontram listados na Euronext e alguns outros, poucos, de grande peso por não abrir o capital concentram a maioria esmagadora das notícias da comunicação social. Mas ficam arredados do tema pela falta de caracterização do contexto empresarial português.

De facto, o número destes grandes grupos é uma gota no oceano de pequenas e médias empresas (PME) que verdadeiramente consubstancia a realidade económica do país. Senão veja-se: das pouco mais de 293 mil empresas que formam a estrutura empresarial (segundo um estudo do IAPMEI realizado em 2007), cerca de 292 mil são PME. Um peso de superior aos 99,5%, que torna as pequenas e médias e micro empresas no verdadeiro motor da economia – como aliás foi reconhecido pelo ministro da Economia, Manuel Pinheiro, que colocou as PME à categoria de prioridade das opções macro-económicas do seu ministério.

O peso dos grupos que escapam às balizas das PME avoluma-se quando a matéria é emprego: asseguram um pouco mais de 25% dos postos de trabalho nacional. Mas, segundo adiantou ao Diário Económico Joaquim Cunha, presidente da Associação Portuguesa de Pequenas e Médias Empresas, “o peso das PME no emprego tem subido; os dados que apontam para os 75,1% estão desactualizados”.

O mesmo sucede, para aquele responsável, com a geração de novos empregos. Segundo o IAPMEI, as PME geram anualmente cerca de 93 mil novos empregos, enquanto que os grandes grupos se ficam pelos 15,5 mil. Mas, para Joaquim Cunha, este valor tende a diminuir com as PME a reforçarem a sua quota de novos empregos, face às necessidades de reestruturação dos grandes grupos e à perda de postos de trabalho.

Só na facturação é que os dados mais recentes apontam para um grande equilíbrio: o peso das PME nesta área particularmente relevante (representam um valor próximo dos 163,5 mil milhões de euros por ano), com os grandes grupos (que, recorde-se, pesam apenas 0,5%) a gerar volumes de negócios agregados (cerca de 130 mil milhões de euros).

O peso das grandes empresas manifesta-se, como seria de esperar, nas indústrias pesadas (petróleo, electricidade) e na componente logística muito acentuada deste negócio, e estão concentradas no litoral. Do lado das PME, e para além dos sectores tradicionais (têxteis, calçado, comércio), é no campo das novas tecnologias que se tem manifestado a agilidade e a capacidade de resposta imediata aos novos desafios que caracterizam as empresas de pequena ou muito pequena dimensão.

Mas tudo isso pode não chegar. Num momento de profunda crise, como é o actual, segundo Armindo Monteiro, presidente da Associação Portuguesa de Pequenas e Médias Empresas, “Não inventar, mas inovar”. E, quer para PME quer para as grandes empresas, “uma enorme ajuda seria que o Governo deixasse de cobrar impostos por conta”. Isto é, e tal como “se passa em Espanha”, que o fisco só cobrasse o IVA no momento da cobrança e não no momento da factura. Mas Armindo Monteiro, para quem “o discurso da confiança não é retórico”, fica também à espera que o Governo incentive os empresários “a não optarem por vender tudo e preferirem os depósitos a prazo”.